



Vento e Folhas

Gil Cleber - Poesia

Vento e Folhas



Gil Cleber



Vento



Folhas



Poesia



Edição particular artesanal do autor.
Registrado no Escritório de Direitos Autorais
Fundação Biblioteca Nacional

Capa: a partir de uma fotografia de folhagem seca
feita pelo autor
Layout: Gil Cleber

Ilustração à pg. 8: lápis sobre papel, de autoria de
Gil Cleber

N o t a i m p o r t a n t e :

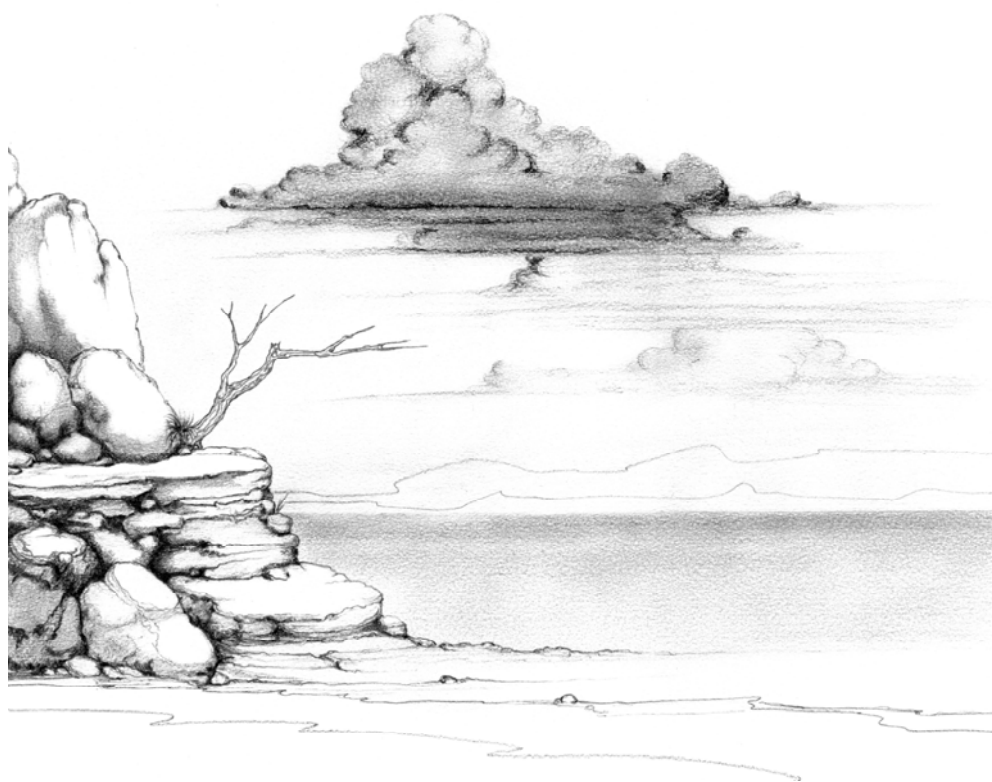
Sendo o autor radicalmente contra as mudanças
introduzidas pelo atual acordo ortográfico, mantém
o texto de suas obras segundo o Formulário
Ortográfico de 12 de agosto de 1943 com as
alterações aprovadas pela lei nº 5.765 de 18 de
dezembro de 1971.

Contato com o autor:
gilccarvalho959@gmail.com

O Vento

Dunas

As Folhas



1. O Vento.....	11
(s/ título).....	12
Pausa	13
A Musa.....	14
Letargia	16
Brincadeira à margem do Tejo.....	17
Ode ao amor esquivo.....	18
Pranto e Brado.....	22
A Espera.....	24
O Navio e o Menino.....	26
Dia de Caboclo.....	28
O Duelo.....	30
Monotonia	32
2. Dunas	35
Homem e Tigre	36
O Amor	37
Guerreiro do Sonho	38
Imobilidade no Limiar.....	39
Cântico de Proscritos.....	40
Utopia.....	41
(s/ título).....	42
Cavalos no Espaço	43
À Espera do Vento	44
A Mulher do Sonho.....	45
O Dia de Sábado.....	46
Obliteração	47
3. As Folhas	49
À Luz de Vela	50
Mozart.....	51
Rio, Árvore e Vaca.....	52
A Embriaguez	53
Sedução	54
Instantâneo	55
Poema da Mulher Impossível.....	56
Cantemos.....	57
Uma Impressão à Hora do Crepúsculo.....	58
Meu coração.....	58
Som sol.....	59
Vento e Folhas	62

1. O Vento

(s/ título)

Por que de tantos olhos esta água jorra
e tontas folhas
vão pela enxurrada?
um charco –

a lama misturada
ao pranto –
é prata
a lua que
pronta
se esconde.

Não sei que mar é este, noite e vagas.
notívago é o olho que o busca.
e a pedra tosca
como punho
erguido
não sei se é sonho
ou dor
ou canto
ou grito!

Tão acre este lamento em que te escondes!
é água ou
lágrima que desce
pela
escada?
e esta torrente em meio à qual tu somes?
havia aqui um
navio ou folhas murchas?

Na
marcha
em busca do outono eu vivo
e aos meus pés arrasta-se
esta
corrente que o vale
enche e inunda.

E a água ácida
que molhou um dia
aquele olhar,
imóvel na quilha a nos espiar,
há de fazer
a nossa dor mais funda.

Pausa

Acalanto...
Embala o vento

a **ninfa** sobre a espuma
espera o lume da
lua

e **brinca.**

Nuvem...

A luz que vem

no amanhecer

é **branca,**

esmaecendo o corpo

veloz nessa
luz

que **dança.**

Sorriso e paz...
Passa a brisa

na ramagem

densa,

à margem do caminho
o poeta pára

e **pensa.**

A Musa

No Guadalquivir
quando vires as moças nuas
saibas:
a Musa
a virgem
mirto
em flor
ao redor da fronte
franca
não está ali!
Há que buscá-la
bela
pelo rio imenso
na intensidade do
lirismo.
Mesmo que
tão longe esteja
tange
tua
lira
e vai!
Entanto
há que buscar
enquanto
fulge o dia:
fugidio o sol
no aquietar
do ocaso
acaso expira,
não espera pois,
nítidos
os rastros somem à brisa,
tímido
o gesto em tocá-la
– agrestes
traços –
imobiliza a mão,

o passo imóvel
e amplos
o espaço e a
ânsia.
Cansa-te a jornada,
espanta-te a treva brusca...
Na busca
à breve lua
que o céu permeia
pensaras achar um tema
mas os pés da
musa
são os que
em sânscrito
deixaram
um poema
pela
areia.

Letargia

Trágica
a
letargia que nos domina.
Dormimos sobre
a dor
dos mitos,
que os trago
muitos,
mortos,
estragados
nas pálpebras cerradas
e nas
pedras,
pernas e
pés que
pisam
pontes
portas caídas e escombros.
Porquanto
sonâmbulos,
dormimos e andamos
sobre a dor
dos limos,
lamas
nas salas antigas,
sagas perdidas
em velhos pergaminhos
vespertinos,
que na aurora
dormimos ainda
sobre a dor
dos sinos,
dos sonos em que
somos
não a dormir
mas a possuir
o sonho.

Brincadeira à margem do Tejo

Veja,
o Tejo corre.
Um beijo colhe na tua a minha boca.
Poucas vezes
vi
na água a
mácula, a
lama das chuvas;
no lábio meu a
marca do teu
batom
de uva.

Veja,
o Tejo corre.
Deixa,
descerre os lábios,
entregue-se,
largue o corpo ao vento
do caminho
em que
sorvo
teu cheiro
de arminho.

Veja,
o Tejo corre.
Seja, morre
num cortejo de nuvens
a tarde rubra,
rouba ao dia azul
a luz
a noite
que doa a sombra
que te encubra.

Ode ao amor esquivo

Esta, a minha ode,
onde, certa, a minha amada
(longe
ou perto)
se esconde?

Imagino-te,
cuido que te vejo,
fluida
imagem,
se os
olhos
fecho.

Resvalam de tua boca
As palavras soltas...
mas que
falam?
E alcançam teus ouvidos o meu
canto?
São tolas as minhas frases
todas?

O mar, a água funda e viva,
ronda
teu olhar,
malha de luz
cativa,
marulhar
de onda
verte
virgem

verde o olhar
esquivo.

Tarda os passos aquele
a que encantas.

Sargaços teus cabelos
belos.

Cata a luz dourada
dos teus fios
que são rios

com que abalas
a manhã

encantada.

Este, o sonho:
são teus os seios
que à meia-luz
desejo

e não tenho.

E com sede
os busco
firmes e brancos
fitos
os meus olhos mansos.

Estas, as colinas
cálidas.

Estiolados

os meus lábios subi-las querem,
a vida de seus picos sugar
puderem.

Teus pés o vento espreita agora.

Despes

o manto:

este o leito em que
te espero

feita
manhã.

Este, o meu verso
que marco
imerso em teu sorriso.

Apanha
(preciso!)
esta manhã
que peço.

Dê-ma,
diadema te farei
da parca luz que
conheço.

Alta
escarpa teus ombros nus,
o corpo que,
incauto,
eu quero
esparso
na areia.

De longe o vejo
e desejo e não sei
se fujo
ou fico
se corro
ou paro,
mas parta ou fique
(aquiete-me
ou me agite)

Não te deixará meu ser
meu ver-te sempre bela
dentre aquela luz
que fulge em minha
fuga,
ou, imensa, em minha

permanência.

Esta, a lira.

(Estrela decaída,

teclado de um piano mudo):

medo que te

fira

como

sangra-me os pés a via

íngreme

por onde vim.

Medo...

mas só canto

assim!

Pranto e Brado

Uma poeira vermelha
 permeia o tempo além de
Vésper,
 a estrela.
 Estendo aos olhos
 lentos
 fios
que crestam
 montes
 e safiras
 frias.

No pôr do sol imóvel
 Sou,
pousados os pés em esferas
 esparsas
 que passam na treva.
 Tremam
 as farsas
 as forças
 as fúrias
sulfúricas,
 verta a fonte o sangue
 onde
 se farta
 o gládio
 grave:
 verga a fronte
 o gênio
 à sombra
 da morte!

Um pó de chumbo
 chove
no rumo das estradas pálidas.
 Destra
 é a mão
decepada

à margem sobre a relva:

Ravel

tocando seu bolero

num pátio

árido e só,

entre paredes

altas,

dissonantes.

A n t e s d i s s o ,

erguer-me-ei ali, na

beira

do abismo,

ao dobre do sino

pendente

no zênite além,

e chorarei todas as lágrimas

ácidas.

A Espera

À beira do Volga ela exclama:

– Volta!

E ele:

– Eu volto

um dia.

E parte.

Far-se-á

o tempo sobre

o rio.

Voltaria?

Sobre

o vento,

que se evole a bruma na espera

em que volve

sempre ali,

enquanto

pesa a

espada

e ao ferro

aferra-se

o longínquo aço do

inimigo.

E ela está só.

Junto ao Volga

tolda o céu a neve em queda

quando

ruge

não a guerra mas o vento e

rígido o

gelo

cobre,

mudo, o rio.

Prístino então o dia da partida,

dispares o fogo

vívido na espera e o imóvel corpo

em sono

em terra estranha e dura.

Insone,

à beira do Volga ela murmura:
...volta...

...e se passa mais um dia.

Faz-se

o tempo sobre o rio...

Voltaria?

O Navio e o Menino

Asfalto afora

forma-se na

flauta

doce

do menino

um sopro suave o som

e a música
nessa lúdica

aurora.
Segue pela estrada

e toca

e traça

no silêncio

a nota e

o compasso:

longe ainda o cais.

Eis, contudo,

alongando

no espaço o apito o

navio chega:
aponta

o céu sem astro

o mastro imenso,

corta a água do
porto

o casco

forte e

largo

e atraca.

E avança pela rua

rumo ao cais e

mais além

o menino esquecido –

eis,

porém,

que é cedo ainda, manhãzinha,

e o despontar do sol não

tarda... e
depois?
Que rotas
soltas,
livres e leves em que
saúdam os ventos
suas velas pandas
e seus homens
grandes e fortes
furtam
o navio mar aberto?
Que estradas e
estranhas ruas pisam os pequenos pés
do garoto e sua flauta em que
falta já
a melodia
meio aos ditos e
aos gritos e
ruídos, meio às vozes e
às coisas e
pessoas, meio à turba e
ao turbilhão?
Vem navio,
Vai menino,
nasce o sol há pouco:
época de
estio
é quente
o dia
e prossegue
móvel a sombra
morna
seu caminho enquanto
sola a flauta pelo
asfalto
afora...

Dia de Caboclo

– De manhã,
cedinho,
levantar-se.
Lenha
no fogão,
atear o fogo:
logo
um café quentinho
para quem tem
sono.
Penteia os meninos, cabocla.
Caboclo
pra roça,
carro
de boi na estrada,
lá vai.
– À hora
do almoço,
o caboclo no banco
cisma,
pasma,
cotovelos na mesa.
Boa a
cabocla – penca de filhos –
conta vê-los
crescidos e
enquanto
pensa
serve a comida.
Que depois
é comprida a tarde,
até que cumprido o dia no roçado
volta para casa o caboclo cansado.
– Enfim é noite,
é hora da janta.

Já não tanto
faminto
mas exausto,
eis que é vasto o sonho, caboclo,
eis que é alto,
mas te sobra somente
tua cabocla,
tua semente,
tua vida sem dono,
a cama
e o abraço
baraço
do sono.

O Duelo

O Tigre

antigo e o jovem Dragão,
agora

frente a frente,
frias as lâminas
firmes os ânimos que se
defrontam.

(Morno sol de fim de tarde e o
assovio

da brisa no
bico das pedras
brinca

nos cabelos

de cobre

e os cabeços e

serras

recobre de pó.)

Jovem

grave Dragão
verga

o tempo

e o aço

a têmpera
da tua

espada:

mais que coragem

é audácia

agora!

O velho Tigre

espera.

Sem riso

reprovação

ou grito

espreita
e vela.

O gládio

sopesa sem
 surpresa
 ou sobressalto, não
 descalços os pés...
 Eis que se trava o combate:
 trama
 de passos e golpes e esquivas
 precisas.
 O aço tine
 sem que
 se tinja de vermelho
 o cetim
 e a seda de suas vestes.

 O Dragão é jovem
 forte
 e não se cansa nem
 foge
 mas se move
 ágil e avança e vai e por fim
 se precipita
 na pressa que o agita
 como herói
 de argila
 e cai.

 O Tigre antigo
 pára,
 e de sua
 espada
 ao fio
 outro fio
 rubro
 fica
 e cala.
 O olhar tranqüilo,
 contempla mudo e solene o corpo o
 sangue que pelo
 solo jorra e
 gela.
 Nada mais
 espera, e parte
 rumo à tarde e ao sol poente.
 Imbatível, repousa na bainha o aço indiferente.

Monotonia

Na Catedral dormita o silêncio.

Lento, o dia escorre
sem alarde na dormência
da tarde

enorme.

A luz que do vitral
filtrava, escassa, pela nave
vasta,

derramava-se sobre os bancos
os santos,

colunas,
comuns na
penumbra

a agonia das imagens sacras
e as marcas

do tempo nas coisas que envelhecem.
Tensa

magia da morte

inscrita nas lousas,
a voz rouca da ventania,
secreta

litania,
náusea...

Entediado,
saí ao sol intenso do dia,

quedei-me para o mirante,
a memorar.

No caminho que tange o pé do monte
romeiros seguindo

sem rumor
à Catedral.

Cantem qual hino sacro
que o dispersa o vento uivante.

Passem, que à minha vista
nada sois que não sombras
além da quietude falsa da hora,

da calma
dobra do dia
que ilude
embora.

Porque a hora do entardecer é espessa,
e pesa,
pois antecede o momento
áspero do ocaso em que
te espero,
ó pássaro...

Que longe,
Além do mar dos sargaços
uma garça
aguarda meu canto para vir.
Mas na tarde rubra
distante de mim
Minha voz perambula
qual umbela que passando
na rua vai para não sei onde.

Ah, o cansaço da tarde a meio...
partem
os romeiros
vão estrada afora, um hino
elevando no ar
parado.

(Onde velo
apartado entre o que
vejo e sonho?)
Devo esperar-te, pássaro medonho,
ave procelária da hora
crepuscular?
Crê, pois, que largo sobrevenha
o sono em que te olvidado?
Com que direito
irei assim ao teu encontro,
conta,
que do meu recanto
exclamo:
Com que pena escrever

recôndito
meu verso e
ver-me as asas cujo vôo
procuro?
Ah, mas essa impossibilidade é um muro
que atravessa
a hora vespéral que, lenta,
expira...
Não, não te espero,
porque na sombra densa
tudo que é vivo
já não pulsa
nem respira!

2. Dunas

Homem e Tigre

Um tigre passeia nos montes.
Longe, na cidade, à meia-noite,
Um homem passeia
Sozinho na rua.

Chove.
As lâmpadas da iluminação pública
Lembram antigos lampiões
Que a ventania apagava.

Um tigre na dobra dos montes,
Ave no ninho,
Chuva...

Ouçã:
Este galope que se aproxima
É o tempo,
Montando o grande cavalo branco dos dias.

O Amor

O amor para mim não é o amor,
Mas inexplicáveis estátuas no dorso dos montes,
Monumentais estátuas que vigiam,
Branças e sem rosto, ao sol,
Como se a luz que pousa em seus ossos de gelo
Fosse converter-se em grandes pássaros
Cujas asas são o próprio vôo.
Fabulosas estátuas brancas
De pedra,
No dorso dos montes,
No seu sonho-de-mármore
À espera de algo
que jamais virá.

Guerreiro do Sonho

Herói de todos os meus combates
Abandona o meu peito
E parte !

Vai combater teus moinhos de vento,
Vencer teus exércitos de ovelhas,
Vai em guerra e não dês trégua ao teu braço
Nem descanso ao teu inimigo.
Espera, entanto, o amanhecer,
Que à noite nada se vê
E é vã a porfia.
Espera o sol que te aqueça os ossos
E anime as fibras do teu corpo,
Pois enquanto houver trevas
Deves repousar as costas nalgum leito
E esquentar-te o estômago algum vinho.
Quedar-te-ás junto ao fogo de um lareira,
E adormecerás tranqüilo
Ouvindo tua amiga tocar, suave, um alaúde.

Mas logo cante o Galo do Alvorecer,
Levanta-te e segue
Que os moinhos de vento

giram na planície

e te aguardam.

Mas ouve:
Sê atento e aproveita a luz do sol
Pois logo torna a noite
E cuida que não seja a morte.

Imobilidade no Limiar

Desde que vieram as chuvas
E o Tigre dos Montes perdeu sua presa,
Tranquei portas e janelas,
Fugi do dia e da noite,
Mergulhei na espessura da morte.

Como se alguém batesse à porta
E dentro uma voz dissesse:
“É tarde.”
E fora outra voz pedisse:
“Abra, que eu trago o frio” –
Mas tudo continuasse em silêncio.

Assim o rugido nos montes
Se assemelharia ao ruído de pedregulhos rolando para a escuridão.
Somente minha mão permaneceria
– Gesto impreciso –
Suspensa junto à porta.
Ainda que,
fora,
o vento assoviasse nos arames.

Cântico de Proscritos

Vimos das grandes cidades onde habita a desordem e o medo. Era noite, e nosso caminho foi iluminado pela luz das fogueiras que queimavam nossos pertences.

Vimos das grandes cidades onde uiva a fome na boca dos nossos filhos. Trazíamos roupas gastas e os pés descalços, enquanto um leão cheirava nossos passos.

Pois nas grandes cidades os leões contemplam o caos. De dia éramos farrapos e de noite tínhamos frio.

Nossos mortos ficaram lá caídos pelas ruas, derramando seu sangue no asfalto, nas escadas e nas calçadas... havia cães lambendo suas feridas.

Vimos das cidades das faraônicas maravilhas, mas todas elas estavam queimadas, e fugíamos simplesmente, medrosos.

Toda a natureza lá estava morta, à luz de uma bomba atômica.

Lá, nas grandes cidades, onde um ou outro gemido se ouve, e algum uivo depois dos muros.

Utopia

Lá para os lados do azul,
Próximo aos campos da lua,
A paz é muita e a comida é farta.
Lá tem água e pastos verdes,
E é lá que eu vou morar.
Lá terei uma casinha branca com janelas azuis,
Uma varanda
E na frente um jardim florido.
Lá criarei umas poucas vaquinhas que levarei ao pasto de manhã,
Após a ordenha,
E as prenderei à noite num curral de luz.
Terei um cão fiel a me fazer festa
E a abocanhar de uma só vez
O pedaço de pão que lhe atirar.
Hei de fazer atrás da casa um galinheiro, com muitas galinhas
Que vou alimentar com o milho colhido no milharal das estrelas.
Lá terei um pomar que florescerá na primavera
E me dará frutos tão doces quanto o mel da Terra Prometida.
Lá, após o trabalho, à hora do sol quente,
Poderei descansar numa rede pendurada na varanda,
O jornal sobre o peito
E o olhar sonolento vagueando...
Lá terei mil noites suaves
Ouvindo os grilos cantarem na grama do jardim,
Enquanto o sono chega de mansinho...

Sim, no meu pequeno paraíso tudo isso terei...
Lá para os lados do azul, próximo aos campos da lua,
Um dia, numa idade de sonhos.

(§/ título)

Quem está atrás da porta,
Do reposteiro,
Do vitral partido?

Há alguém nos sobrados ou nas ruas?
Dizem que há uma curvatura no espaço.

É curvo o espaço
Ou os caminhos são curvos?
Há alguém na curva
E curvas nas ruas,
Há ruas no espaço
E espaço nas portas.

Onde está a escada?

Cavalos no Espaço

Há como que cavalos no espaço.

Cavalos, não sei,
 que brancos
 que pardos...
Que voam em silêncio
Distantes do chão.

Cavalos cadentes
De olhos candentes
Caindo certos
 no meu coração.

À Espera do Vento

A chuva caiu sobre a cidade
E lavou a ruas.
Lavou as muralhas de pedra,
Trouxe à tona espadas e pétalas esquecidas.
Quando passei pela porta do lado do poente
As sentinelas apontaram-me com o dedo:
“Ali está aquele que procura e não se cansa.”

Ouvi clarins
Que soavam como as trombetas do Apocalipse,
Mas estavam longe feito um lenço na janela,
Um olho que espia detrás do postigo.

Quando o vento levar meus cabelos,
Direi:
“Cansei-me da procura.”

Espero pelo vento todas as manhãs,
Todas as tardes,
E às vezes encontro teus olhos nessa espera.
Às vezes ouço tua voz no crepúsculo,
Mas as muralhas ficaram para trás
Com suas sentinelas de bronze.

Já não há clarins, nem chuva.

Quando o vento levar meus cabelos,
Direi:
“Cansei-me da procura.”
E poderei deitar tranqüilo
Esquecido dos caminhos longos.

A Mulher do Sonho

A mulher que eu quero está no sonho,
Bela, fluida, tênue, viva.
Mas se estendo a mão para tocá-la,
O gesto é vão,
Tocá-la é sonho
Que a mulher do sonho se desfaz, esquiva.

Eu quero a mulher que está no sonho,
Mas é desperto e atento que parto a buscá-la.
Mas se a busco é em vão
Que a não encontro,
E se a encontro
A mulher do sonho se ausenta e cala.

O Dia de Sábado

É longo o sábado.
Desde cedo as horas se arrastam como um cão
doente pelas ruas de ponteiros
impassíveis.
Desde cedo a escuridão da vida vã se confundiu
no coração
do poeta.

O poeta louco chegou pela madrugada,
O dia de sábado veio com ele
E ambos traziam saudade e lágrimas;
Um pássaro anunciou sua chegada,
Presságio certo da desgraça,
E uma gota de sangue caiu de seu bico.
Havia uma flor murcha na escada quando ele
entrou pela porta principal
Com seus olhos sem cor,
E disse:
“Hoje é o sábado escuro, dia do desespero!”
Espantado e incrédulo olhei para ele
Enquanto o caminhar do dia soava devagar lá fora,
na calçada, e esmagava a flor nos degraus.

Em seguida o poeta partiu,
E o pássaro foi com ele, sempre com uma gota de sangue no bico.
Mas sábado ficou comigo,
Envolveu-me na lama de seus braços.

Obliteração

...Então eu abro a janela:
A casa vazia é tão vasta quanto a madrugada.
Que ruído é esse
Como gota pingando numa gruta?
Em algum lugar uma torneira pinga...
Em algum lugar
Próximo às grandes sombras...

Ventava aquela noite, e uma bandeira despregou-se do mastro.

Chamo por alguém:
“Olá!”

...

Os passos na calçada não têm pressa,
Não têm corpo também
Os passos no escuro.
Na rua não há lâmpadas acesas,
Nem na cidade, nem na vida...
Mas nas montanhas alguém está de sentinela.

Espero dormir nas montanhas,
E então terei um tigre velando por meu sono.

Nenhuma porta se abre...
Do outro lado,
Na mansarda,
A mão exausta descalçou a luva
E esqueceu-se da chave.

O relógio parou
numa hora improvável.

3. As Folhas

À Luz de Vela

Acesa a mecha
 marca
 a parede
 a chama
 de sombras
 ímpares.
 Descem p'r'as
 manchas
 um par de
olhos
 e mãos
 a percorrê-las,
passa na
 palhoça
 a nódoa
 da noite.
 Escurece.

Mozart

Mostra-me

tua música nesta
úmida
manhã.

Traze-me

teu réquiem,
rogo-te,
que este silêncio é a
morte,
quieto o canto
quando as
orquestras já se calam no vazio,

e marca-te

o caminho

a dimensão das
sombras
ilusórias
que os olhos
em vão
procuram
penetrar.

Rio, Árvore e Vaca

O rio,
e à beira do rio
 deita sua sombra a árvore
 longa,

 Que um dia
 arde na chama
 voraz
 que a devora.

Dentro do rio
 a mancha
da árvore queimando de cabeça para baixo.

Um dia,
um rio.

 E um tronco à beira,
esguio,
 longo dedo
 negro
 que aponta para cima.

 E de uma vaca na margem
 a lenta imagem
que se aproxima.

A Embriaguez

Esta, a diva

inelidível,
a vida
irrecusável
dádiva.

Perene, este o corpo,
prenhe

de frutos
e anfractos amplos e vertiginosos

em que me

perco,
de que se vertem nossos

líquidos eternos

e a lágrima daqueles olhos

vívidos

e ternos.

Por que uma diva pausa,

musa obrigatória,
nossos passos se é

pequeno

o
orbe agora?

Por que nos fitam os olhos como grandes
pórticos

ou estrelas vis,
se num

vórtice

em esteira de luz
vem a

morte

com seus lábios
sutis?

Sedução

Acima do deserto erguidos
os olhos mortos
(...ou vivos?).
Ensina,
Esfinge,
teu enigma.
Rebrilha à luz,
perdido,
meu alfanje.
Rendido
e desarmado estou
ao teu
alcance.
Avança,
Esfinge,
pela areia
a efígie
mansa
do meu
desespero.
Vigia-me
os pés:
já fugir-te ou decifrar-te
não desejo
nem
espero.
Fulge-te o olhar de pedra
(...ou fogo?)
acima da planície.
Próxima assim,
quem pode
resistir-te?

Instantâneo

Moça em sua bicicleta,

vê se aquieta

meu coração

que se impacienta

por te ver

não!

Poema da Mulher Impossível

Da mulher que chega,
nega que é belo o olhar e o nome!
Não me
engano
nem espero provar da
nêpera
que entre os lábios
tome.

Da mulher que passa
busco o olhar esquivo;
não basta
saber-me escravo
do seu vulto
ativo,
se já se faz tarde
ao meu olho
afrito.

Da mulher que parte
quero o rastro,
mas em que ponte?
E o seu rosto,
mas em que retrato?
E todo o corpo,
mas no qual espaço?

Cantemos

De Catai

cantemos uma canção antiga

antes que se diga:

“É Noite!”

Esquece,

pois,

Enquanto

cai a tarde,

que se cala o bardo ao sol

poente.

E eis que se cala

aquela voz que

conosco cantaria antigos hinos

góticos.

Esquece

e canta uma balada triste

pois temo que se grite:

“É tarde!”

em eco um acorde fúnebre

que encobre

o canto,

em Catai um canto imóvel e mudo

em que se imola

num altar sem ara a arte

e uma voz que exclama

com transporte:

“A Morte!”

Uma Impressão à Hora do Crepúsculo

Vai-se o dia
com o salmodiar das sombras,
tombam as últimas
dobras dos montes,
prende-se
a luz nas flores do
salgueiro
e o vento passa
como uma lembrança
que eu não quero.

O que virá depois
de pôr-se o sol
a não ser o tédio e a
Treva?
Por que não fujo do grande
incêndio
sem fogo que me
desassossega?

É certo que sobrevém o susto,
e o olho
triste
da lua
de louça aponte para mim
e diga:
“Ouça
a voz que é tua
e agoniza.
Cante, para que
reviva!”

E sobrevém o medo
– a imagem do espanto
com que persigo meu rastro pela rua,
e a voz que já não soa, soa
como a gema

do astro se perde além da
fúria que
flutua.

Também é certo
que um último espectro virá,
ao qual tropecem meus pés
à luz de um rútilo trovão.

Pesadelo,
dá-me tua asa,
tua garra a mutilar
atenta
o totem do meu coração.

Teus olhos são
Duas safiras nuas

Meu coração
Uma cidade sem ruas

som
sol
fejo
não vejo
sol
só vejo
dor

Vento e Folhas

Vento,
Vento em folhas que se
 desfolham,
 galho contra a vidraça,
 cristal partido...

Vento,
Vento em flor,
Em pétalas,
 pássaro de pedra e
 asas metálicas,
 acéfala rosa
 despetalada.

Vento e folhas,
 lápide caída,
 rumor...
 pétalas falíveis,
 metálicas flores impossíveis,
 despetaladas rosas
 sem cor.

Poemas escritos entre 1987 e 1994.



...

Ouvi clarins

Que soavam como as trombetas do Apocalipse,

Mas estavam longe feito um lenço na janela,

Um olho que espia detrás do postigo.

...